



**HOJE TEM ESPETÁCULO? TEM! SIM, SENHOR!
DANÇA, TEATRO E BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**WE HAVE A SHOW TODAY? YES, WE HAVE!
DANCE, THEATER AND PLAY IN THE EARLY CHILDHOOD EDUCATION**

**HOY HAY ESPECTÁCULO? HAY! SÍ, SEÑOR!
DANZA, TEATRO Y JUEGO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL**

Cristina Mara Correa¹
Hanna Araújo²

Resumo

Este artigo reflete sobre a prática do ensino das artes cênicas e sua pertinência na educação de crianças de até seis anos, como parte integrante do currículo. A discussão parte de experiências que tinham as artes circenses como mote, em uma escola pública de educação infantil da cidade de São Paulo. A metodologia de trabalho é inspirada nos princípios da dança contemporânea, em especial, Rudolf Laban e Isabel Marques. O processo de pesquisa revelou modos que a criança utiliza o corpo como um lugar de invenção na criação lúdica.

Palavras-Chave: Artes Cênicas, Circo, Educação Infantil, Ensino, Prática Docente.

Abstract

This article makes a reflection about the practice of teaching performing arts in the early childhood education (under 6 years), as part of the education curriculum. The discussion starts from experiences that had the circus how a central inspiration, in a public school in the city of São Paulo. The methodology is inspired by the principles of contemporary dance, especially, in the work of Rudolf Laban and Isabel Marques. The research process showed how the child uses the body as a place of invention in his playful creation.

Keywords: Circus, Education, Kindergarten, Performing Arts, Teaching Practice.

1 Licenciada em Dança e Especialista em Arte Educação pelo Centro Universitário Maria Antônia USP. Pesquisadora das brincadeiras da cultura da infância e das tradições populares brasileiras. Na Creche Pré-escola Central SAS/USP é professora de dança há mais de 15 anos. Coordena o projeto Brincadeiras de Muitos Tempos e Lugares. É uma das organizadoras do Livro O dia-a-dia nas Creches (Ed.Artmed, 2010). Ganhadora do Prêmio Arte na Escola da Fundação Victor Civita – Categoria Educação Infantil - 2012. Emails: crismara@usp.br/ crismaradanca@gmail.com

2 É pedagoga, mestre e doutoranda em Artes Visuais na Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa processos de criação de narrativas visuais e leitura de imagens em interlocução com os artistas, sob orientação da Profª Drª Lucia Reilly. É professora de educação infantil na Creche/Pré-Escola Central-SAS/USP. Email: hannat@usp.br

Resumen

Este artículo aborda la práctica de la enseñanza de las artes escénicas y su relevancia en la educación de niños de hasta seis años, como parte integrante del currículo. La discusión parte de experiencias que tenían las artes circenses como tema, en una escuela pública de educación infantil en la ciudad de São Paulo. La metodología se inspira en los principios de la danza contemporánea, en especial, Rudolf Laban e Isabel Marques. El proceso de pesquisa nos reveló como el niño utiliza el cuerpo como un lugar de invención en la creación lúdica.

Palabras clave: enseñanza, artes escénicas, educación infantil, circo, práctica docente

Introdução

Nossa maneira de estar no mundo, nossa capacidade de sentir, de experimentar as coisas à nossa volta, de desenvolver nossa identidade, de nos colocarmos de forma autônoma e livre no espaço social estão intimamente relacionadas com nossas vivências quando criança. Se é na infância que se constrói as bases dos princípios da ética, dos valores sociais, da alteridade e da convivência coletiva, também é o momento das experiências fundamentais para a construção da subjetividade. Para isso, é imprescindível que as crianças tenham contato com o universo lúdico da fantasia. Do ponto de vista da motricidade, é nesta fase que os gestos e padrões de movimento são construídos para mais tarde se desenvolverem na forma de movimentos expressivos ou de dança. Segundo Marques (2012, p 18):

A dança como expressão apoia-se primordialmente em referências internas e pessoais. Compreender a dança como expressão é também acreditar na possibilidade de a criança ser autora de suas danças, ou seja, possibilitar que ela crie, invente, componha.

Diante dessas constatações, acreditamos que o ponto de partida para a iniciação de crianças pequenas às artes cênicas, deve surgir da observação de suas brincadeiras livres, sem a interferência de um adulto, da identificação dos seus repertórios de gestos e movimentos, assim como da construção das suas narrativas nesses jogos. Tendo isso em vista abordamos, de maneira reflexiva, um conjunto de atividades³ desenvolvidas com crianças no contexto da educação infantil (entre 0 e 6 anos).

Apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) preverem o ensino regular de dança nas escolas percebe-se que na educação infantil isso quase não acontece. Tal dificuldade tem reflexo na escassez de pesquisas acadêmicas e trabalhos práticos que se debruçam sobre o tema.

³ Essas experiências foram desenvolvidas na Creche Pré-Escola Central SAS/USP, que atende crianças de 6 meses a 6 anos, e se localiza no Campus do Butantã na Cidade Universitária, na cidade de São Paulo-SP.

Sobre a dança na Educação Infantil

O bebê usa os ritmos musicais para balançar o seu pequeno corpo, bater as mãos ou quando balbucia. O primeiro ano de vida é, sem dúvida, o período mais plástico no desenvolvimento: a criança se comunica através dos gestos. Toda sua relação com o mundo se dá por meio de seu corpo. Para as crianças bem pequenas a posição vertical ainda é muito recente, o domínio da marcha está em processo, os movimentos são bilaterais, os braços servem de ponto de equilíbrio e o movimento independente dos membros do corpo só será adquirido/aprendido posteriormente. Nessa fase, compreendida entre o primeiro e segundo ano de vida, todos os movimentos incluem um grande número de articulações.

Por volta dos três anos, a criança terá ao seu dispor um rico repertório de movimentos e uma memória corporal. Com o domínio crescente da linguagem oral, a brincadeira privilegiada das crianças nessa fase é o faz-de-conta: ao brincar de representar as crianças se divertem, mas também apreendem o mundo ao seu redor e o interpretam, conferindo significados à ele. Em outras palavras, é por meio das brincadeiras que a criança descobre o mundo e, nesse momento, a imaginação é um dos elementos mais importantes. Para Gilka Girardelo (2011, p.77),

Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita.

As crianças geralmente têm muito apreço em repetir as brincadeiras rítmicas pelo simples prazer que a atividade corporal proporciona. Conforme ela vai crescendo, a sua motricidade vai se aprimorando, o interesse passa a ser mais voltado ao aspecto intencional do movimento. Por isso, ao pensar num projeto para crianças que convivem no ambiente da Educação Infantil, é fundamental considerar alguns pontos que são relevantes nos processos de ensino e aprendizagem. Por exemplo, acreditar que a criança é um ser competente. Desde muito cedo ela já possui a capacidade de movimentar-se explorando o mundo ao seu redor, de emitir sons e de dançar ao ouvir música, sendo o ritmo inerente à sua vida, desde o nascimento.

Nesse sentido, as atividades de dança devem não somente possibilitar a interação entre as crianças de idades diferentes, como também promover importantes desafios para elas. É uma grande responsabilidade pensar num trabalho que propicie a troca

entre as crianças e que possibilitem a aquisição de novas competências motoras para elas, afinal, estamos falando de crianças que estão aprimorando a sua motricidade, em diferentes graus de conquista. Se por um lado os bebês estão coordenando a sua motricidade, por outro, as crianças de quatro anos já correm e pulam pelo espaço. Como podemos observar, essa é uma faixa etária com conquistas motoras bastante diversas e é exatamente nessa multiplicidade de ações que podemos explorar um campo profícuo, favorecendo a experimentação dos movimentos e respeitando as especificidades.

Tanto as atividades propostas quanto a escolha dos materiais utilizados devem favorecer a exploração dos gestos e dos movimentos expressivos. Assim como a atuação dos adultos nestas situações é um aspecto muito importante para que as crianças se envolvam com as brincadeiras. Não podemos nos esquecer de que estamos trabalhando com crianças ainda muito pequenas, cuja maior referência são os adultos. Segundo o filósofo Merleau-Ponty (1990, p.220) “a relação entre crianças e adultos é uma relação singular de identificação. A criança se vê nos outros (como os outros se veem nela)”

O professor é o mediador dessa relação, atento às necessidades e desejos da criança, organizando os espaços e contextos de aprendizagem. Conforme atua, interage com ela, apresenta-lhe modelos, aguça sua curiosidade e a encoraja a transpor os obstáculos, ajudando a ampliar seu repertório de brincadeiras e ensinando as regras sociais. Além disso, é interessante pensarmos sobre as nossas posturas diante das propostas que apresentamos às crianças, expressas em nossos corpos como professores e modelos que somos. Principalmente se tratando de situações novas ou não habituais é comum as expressões de estranhamento ou mesmo de recusa do novo pelas crianças e o papel do professor é de acolher e mediar essas atitudes. Da mesma maneira, ao brincar com as crianças, os adultos também rememoram as experiências de sua infância e estreitam os vínculos afetivos com elas.

O circo chegou! Um tema como mote para o movimento cênico

Como trabalhar a expressão artística através do movimento na educação infantil? Nós escolhemos trabalhar um tema que possibilitou abarcar diversos conteúdos e que tinha um significado afetivo para as crianças. Uma das experiências aqui compartilhadas partiu de uma proposta dirigida, com crianças entre dois e quatro anos, cujo tema era o circo. Nossa experiência pedagógica nos faz crer que esse tema é, além de versátil, desafiador e bem acolhido pelas crianças.

O assunto tem em si sua magia, provoca o encantamento nas crianças e favorece a exploração de uma variedade de situações simbólicas e imaginárias inerentes à esse universo. Além disso os desafios motores são personificados por figuras emblemáticas do circo, como a do equilibrista, do palhaço, do malabarista, entre outras, e podem ser enriquecidas com elementos da cultura popular brasileira.

Para ampliar o repertório das crianças, apresentamos inicialmente o vídeo *Le Grand Cirque de Calder*⁴ (1927). O vídeo funcionou como um disparador do tema e aproximou as crianças das personagens, músicas e esquetes circenses. No vídeo, o artista faz uma animação com seus bonecos construídos com arames e sucata. Com muito cuidado e delicadeza, ele encena um espetáculo com os personagens circenses, no qual o picadeiro é composto por pequenos pedaços de madeira e tecidos. O mestre de cerimônia apresentava cada um dos artistas: o trapezista, o malabarista, o palhaço, a bailarina e o atirador de facas. Logo após apreciação desse vídeo, as crianças foram conduzidas à um espaço organizado com diversos materiais, de modo que pudessem explorar a gestualidade e os movimentos presentes nas figuras do circo sugeridas pelo vídeo ou já conhecidas anteriormente. Outro foco foi a exploração das ações, do deslocamento no espaço e dos apoios corporais, a partir do contato com diferentes materiais. Esses momentos de exploração e brincadeira são importantes espaços de aprendizagem para as crianças (KISHIMOTO, 2008).

Ao longo dos nossos encontros, gradativamente, apresentamos algumas figuras do circo, incorporando certas personagens da cultura popular brasileira que tinham relação com a arte circense. Apresentamos uma gravação caseira de dança dos palhaços da Folia de Reis no evento Revelando São Paulo de 2010. Em outros momentos, disponibilizamos uma caixa colorida com diversas máscaras. Ao som de diferentes músicas de Reisado, foi proposta uma brincadeira em frente ao espelho com os materiais. Aos poucos, as crianças foram colocando os adereços e criando uma dança. Logo foi possível observar o surgimento de alguns movimentos de pular e arrastar-se pelo chão, característicos dos palhaços da Folia de Reis, numa evidente referência ao repertório apresentado.

Chegou, chegou
Chegou meu boi agora!⁵

4 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t6jwnu8lzy0>

5 Composição de Ione da Silva. Professora na Creche Pré-escola Central SAS/USP.

Outros elementos da cultura popular foram introduzidos. Quando o boi estrelinha⁶ entrava em cena as crianças vibravam, queriam brincar e dançar com ele e logo aprenderam a cantar suas toadas. Nos encontros levávamos para a brincadeira as saias rodadas e os instrumentos musicais além dos adereços que serviam de suporte para a criação e experimentação.

Nessas propostas, observamos diferentes reações entre as crianças. No início algumas não queriam participar, ficavam mais distantes, assustadas no colo das professoras, no entanto, essas expressões foram se transformando no decorrer das atividades. Principalmente, quando um adulto a acolhia e ao mesmo tempo ia lhe introduzindo na brincadeira. Outras crianças, por outro lado, desde o início se envolveram bastante com as propostas, chegando a reproduzir em casa alguns movimentos e músicas que aprendiam durante nossos encontros.

Outra aprendizagem importante para as crianças pequenas foi conseguir lidar melhor com os seus desejos e impulsos, tais como: sentar na roda, esperar a sua vez de brincar, emprestar o brinquedo para os amigos. Por isso, começávamos os nossos encontros sentados em roda no tapete colorido, o qual nomeamos de picadeiro e, cantando, abríamos o espetáculo do dia:

Hoje tem espetáculo?
Tem! Sim, senhor!
Hoje tem marmelada?
Tem! Sim, senhor!⁷

Em seguida, apresentávamos a brincadeira:

- Senhoras e Senhores! Hoje temos em nosso picadeiro os acrobatas e malabaristas!!!

Num amplo salão, colocávamos colchões, rolos grandes para saltar e virar cambalhotas, bolas de diferentes tamanhos para equilibrar-se sobre elas, como também equilibrá-las em diversas partes do corpo.

Com uma canção, trazíamos numa caixa colorida a Dona Maria Angu e Seu João Paulino, dois bonecos malabaristas de madeira⁸, que apresentavam a brincadeira do

⁶ Nome do boi confeccionado com caixas e papéis pelas professoras, crianças e suas famílias, tendo como referência os boizinhos e burrinhas da cultura popular. O Bumba Meu Boi é uma das festas folclóricas mais tradicionais do Brasil. Nessa encenação mesclam-se danças, músicas, teatro e circo. O Boi tem nomes distintos de acordo com a região: Boi-Bumbá, no Amazonas e no Pará; Bumba-meu-boi, no Maranhão; Boi Calemba, no Rio Grande do Norte; Cavalo-Marinho, na Paraíba; Bumba de reis ou Reis de boi, no Espírito Santo; Boi Pintadinho, no Rio de Janeiro; Boi de mamão, em Santa Catarina e boizinho no Rio Grande do Sul.

⁷ Expressão do cancionário popular.

⁸ Brinquedo popular conhecido como Mané gostoso. Os nomes desses bonecos fazem referência aos bonecos

trapezista e do equilibrista. Para trabalhar essas duas figuras do circo, propomos um pequeno trapézio no qual as crianças se penduravam e com as sombrinhas de frevo andavam “equilibrando-se” na corda estendida no chão.

Para quem ainda não tinha independência dos membros e marcha com um movimento “em bloco” foi com certeza um grande desafio andar sobre uma corda, colocando um pé na frente do outro. Dois grandes desafios motores foram propostos: o equilíbrio e a força, para sustentar o próprio corpo no trapézio. E assim, a cada encontro apresentávamos as personagens do circo em seus movimentos mais expressivos.

Perpassando todo o trabalho, também envolvemos as famílias na cantoria e na construção de algumas figuras do nosso circo brasileiro, como os boizinhos, burrinhas, jacarés, sapos, cobras, máscaras de palhaços de folia de reis, para brincar na festa de encerramento do projeto. A inserção e a produção da cultura circense (re)criada neste ambiente possibilitou a essas crianças pequenas vivenciarem este universo estético singular e rico, também, em desafios motores.

Respeitável público: O circo Picarol apresenta!

No quintal da Creche⁹, as crianças brincavam de juntar pedras, sementes, pauzinhos e folhas secas, faziam buracos no chão para procurar tesouros ou ossos de dinossauros, brincavam de construir castelos, se equilibravam nos troncos das árvores e, em outros momentos se divertiam brincando de arremessar pedras, organizando uma pequena competição: Quem consegue jogar mais longe? A configuração deste espaço com árvores fomenta a imaginação das crianças em geral, que estabelecem brincadeiras de acordo com as faixas etárias. Como coloca Girardelo (2011, p.81), “no jardim, a criança é livre para devanear e falar com amigos reais ou fictícios, [...] é livre para compor mundos inteiros com pedras, sementes e insetos, encontrando a multiplicidade das formas e a imprevisibilidade do comportamento dos organismos”.

Esse ambiente de brincadeiras livres é um rico espaço para o professor observar os repertórios de movimentos das crianças e seu modo de relacionar-se com o outro e o espaço. Diante das observações de um grupo de crianças entre 5 e 6 anos em suas brincadeiras com os elementos da natureza, com o intuito de ampliar o repertório e propor novos desafios, levamos brinquedos que nós, agora adultos, brincamos em

gigantes de São Luiz do Paraitinga-SP.

9 Espaço da Creche Central SAS/USP, onde as crianças brincam livremente com a natureza, entre árvores, arbustos, troncos, gramado e muita terra.

nossa infância. Pião, bola de gude, cinco Marias, ou simplesmente pedrinhas, que passaram a ser manipuladas pelas crianças.

Ao longo do projeto convidamos alguns funcionários que trabalham em diferentes setores da Creche Central para ensinar esses jogos para as crianças, pois sabíamos que esses brinquedos fizeram parte da infância de muitos deles. As crianças conheceram as histórias de vida e as experiências de infâncias desses funcionários.

Muitos destes adultos, quando crianças, viveram na zona rural ou nas periferias das cidades, por isto tiveram a oportunidade de aprender na sua comunidade um rico e peculiar acervo de canções e brincadeiras. Em tais comunidades, muitas vezes, as crianças construía seus próprios brinquedos usando elementos da natureza. Esse conjunto de atividades intensificou e transformou a relação das crianças com os adultos que trabalham na instituição.

Tais momentos foram muito especiais para nós, adultos, porque rememoramos nossas infâncias, e também para as crianças, porque elas tiveram a oportunidade de conhecer e aprender novas brincadeiras e histórias de outros tempos e lugares. Além disso, foi uma experiência importante para os pequenos, porque ampliou seus repertórios de brincadeiras e, conseqüentemente, de movimentos. Assim como não é fácil jogar e pegar os saquinhos das Cinco Marias ao mesmo tempo, é grande o desafio corporal de usar o polegar e o indicador para fazer a bolinha de gude rolar. O mesmo pode-se dizer sobre a dificuldade de se enrolar a fieira no pião e fazê-lo girar. Eram necessários movimentos precisos de músculos que as crianças ainda estão desenvolvendo. Nesse momento, a ajuda de alguém mais experiente, que compartilha seus saberes, pode se tornar a aprendizagem mais natural e divertida.

Os brinquedos de outra época passaram a fazer parte do cotidiano das crianças. No pátio ou no quintal era frequente ouvi-las gritar: “Olha! Olha! Eu consegui, nossa ele girou!” “Eu tô ficando muito bom nisso!” Era visível a inquietação das crianças tentando enrolar corretamente o pião na fieira para poder jogá-lo e depois vê-lo girar em alta velocidade. O grupo de movimentos necessários para esse tipo de jogo é complexo e preciso, exige da criança muito empenho e concentração. Essas provocações nos levaram a pensar um projeto de despedida dessas crianças, já que elas estavam encerrando seu ciclo na Creche/ Pré-Escola para ir para o Ensino Fundamental.

Levamos as experiências motoras e sensoriais geradas pelas brincadeiras para as atividades de dança. As crianças experimentaram no corpo vários jeitos de girar: com

um pé só, com o bumbum, de joelho, com a barriga e com o corpo abaixado. Era uma delícia vê-los explorar os giros até a vertigem, desequilibrar e equilibrar o corpo. A partir da verbalização buscávamos suscitar reflexões nas crianças sobre suas ações motoras:

- Crianças, girar é igual a rolar?
- Não, quando eu rolo saio do lugar e quando giro fico parado. Assim, fico girando, girando, girando...

Rolavam rápidos como uma bola, de corpo estendido ou pequeno como um tatu bolinha, viravam cambalhotas, estrela, rolavam sobre o corpo dos amigos. Saltavam e caíam como os saquinhos das Cinco Marias. Criavam formas e espaços entre as partes do corpo. Exploravam brincando de preencher os espaços, brincadeiras que cada um experimentava no seu próprio corpo e no dos amigos.

Para Laban (1978, p.55), “as ações corporais produzem alterações na posição do corpo ou em parte dele, no espaço que o rodeia. Cada uma dessas alterações leva certo tempo e requer uma certa dose de energia muscular”. Cientes disso, após as explorações, organizamos algumas sequências de movimentos, estas foram compartilhadas com todo o grupo de crianças. Assim eles puderam apresentar ao longo das atividades o seu processo criativo e ao mesmo tempo aprenderam a respeitar a criação do outro. Nos momentos de apresentação para os outros buscávamos demonstrar que a dança permite através da exposição do corpo expressar sentimentos, contar histórias, imitar brincadeiras, etc.

No decorrer das atividades trabalhamos com diferentes estados corporais e emocionais, pois cada criança tinha uma experiência corporal e uma maneira de lidar com seus limites e possibilidades de ação. Algumas eram mais destemidas e logo se lançavam aos novos desafios. Outras eram mais temerosas e precisavam de um tempo maior para superar seus medos. Essa pluralidade de atitudes refletia as distintas experiências cotidianas das crianças com a Arte, já que algumas eram habituadas a assistirem espetáculos ou participarem de oficinas de dança e música, enquanto que outras tinham seu repertório mais restrito à televisão.

Ao longo desse projeto registramos em vídeo as brincadeiras das crianças com os brinquedos, pois a ideia era criar filmagens curtas e propor uma interação entre duas linguagens: vídeo e dança, e por meio da imagem. Usamos também os livros de imagem *Sombra* (2010) e *Espelho* (2011), de Suzy Lee, para aguçar o processo de composição de cenários lúdicos para as brincadeiras de faz-de-conta, favorecendo, a partir das narrativas visuais, a criação coletiva e a experiência com o universo da imaginação.

Percebemos que durante as atividades livres havia um empenho das crianças na produção de um circo, em que os grupos se dividiam entre a produção de ingresso, figurino, ensaio dos números de mágico, palhaços e os malabaristas. Incorporamos no processo de composição coreográfica essas brincadeiras espontâneas das crianças com a arte circense. Assim nasceu a *Trupe Picarol*¹⁰ e o espetáculo: *Gira Mundo, Roda Pião*. Compartilhamos com as famílias uma síntese do processo num jogo cênico que mesclava o movimento dos brinquedos em diálogo com os personagens circenses, no qual as crianças utilizaram todo o repertório de dança explorado nas atividades.

Tombei, tombei, mandei tombar. A brincadeira vai terminar!

As experiências referidas foram desenvolvidas com crianças de faixas etárias diferentes, mas abordaram as mesmas temáticas: circo, brincadeiras e cultura popular, tendo como pano de fundo a experiência com a dança. Ao mesmo tempo, ao longo do texto procuramos tecer algumas reflexões sobre o ensino de dança para crianças pequenas, pensada como linguagem artística a ser ensinada e aprendida na escola, independentemente da idade da criança.

O tema do projeto desenvolvido com as crianças menores partiu de uma proposição dos adultos, mas que ao longo do seu percurso ganhou significado e um sentido para os pequenos, à medida que observávamos o envolvimento deles com as brincadeiras propostas. Para nós, a provocação naquele momento era pensar em atividades desafiadoras para faixas etárias tão diferentes, entre dois e quatro anos, que propiciassem a interação, o cuidado dos mais velhos para com os pequenos, já que a brincadeira é o espaço da socialização e do exercício de troca entre os pares. A dança foi inserida como uma forma distinta de estar e sentir o mundo, pois ela, como propõe Laban (1978), permite que a criança integre o conhecimento intelectual e suas habilidades criativas.

Outro ponto importante do processo foi a observação e pesquisa constante das crianças em suas ações para, a partir disso, criar situações para o aprendizado: pesquisar soluções criativas e diversificadas do espaço tridimensional, investigar a relação entre corpo, tempo e espaço, criar ambientes lúdicos, aproximar as crianças de algumas expressões da cultura popular, partindo da fruição e transposição destes elementos tanto para o corpo, quanto para construção de objetos ou brinquedos.

¹⁰ Todos os anos as crianças escolhem um nome que represente a identidade do Grupo. *Picarol* é uma referência aos nomes dos grupos Pica-pau e Caracol.

Nesses casos específicos, incentivamos o contato com o universo circense por meio da exploração dos movimentos e da gestualidade das personagens, em atividades como equilíbrio do corpo no objeto e do objeto no corpo, por exemplo. Ao longo do projeto fomos re-significando os espaços da creche para criação dos ambientes para os nossos encontros de brincadeiras. O uso intencional dos objetos cênicos e dos brinquedos foi muito importante nesse processo. Esses foram escolhidos para possibilitar o jogo e aguçar a criação de movimentos e gestos. Esses objetos eram ora manipuláveis ora um prolongamento do corpo. Através da manipulação e do deslocamento, as crianças conferiram novos significados para os objetos, transformando o espaço cênico. Na brincadeira, a criança se apropria de seu corpo e imprime o movimento arriscando-se, lançando-se, descobrindo e revelando-se no espaço.

Por outro lado, o projeto que foi desenvolvido com as crianças de cinco e seis anos surgiu das nossas observações sobre suas brincadeiras espontâneas e também a partir das experiências sensoriais e motoras com os brinquedos tradicionais. As crianças conheceram e aprenderam a brincar de pião, bolinha de gude e cinco Marias e nas atividades de dança pesquisaram em seu corpo os movimentos presentes nos brinquedos e as possibilidades de movimentos e gestos com valor expressivo. Exploraram a criação das formas corporais, a relação com o espaço e com os outros: as ações e os apoios corporais, a relação com o peso e sua atitude com relação ao espaço e o tempo¹¹.

As diversas brincadeiras e experimentações que sugeriram a partir dos brinquedos propiciaram o trabalho com o equilíbrio, o fluxo de movimento/fluência livre¹² e as qualidades de tónus, assim como a disposição para lidar com riscos, com o imprevisto e a espontaneidade. Elementos estes essenciais para o processo criativo em dança na apropriação do seu próprio movimento, na experimentação de ações expressivas com o outro e na confiança em relação ao olhar do outro. Por isso, em diversas situações, propusemos que as crianças em grupo compartilhassem suas criações entre os amigos. Assim, ao final da atividade, em pequenos grupos, as crianças organi-

11 Conceitos criados por Rudolf V. Laban, que além de pesquisar os princípios espaciais do movimento, se preocupou com a qualidade destes. A Eukinética, o estudo da dinâmica dos movimentos, permite um estudo qualitativo a partir de quatro fatores, os quais combinados caracterizam o repertório individual de movimento são eles: o fator fluência, o fator espaço, o fator peso e o fator tempo.

12 Conceito criado por Rudolf V. Laban- é um dos fatores de movimento, que significa algo que flui, que é fluente, imagine um rio sempre fluindo, que é represado num trecho (sua fluência fica mais contida) e depois tem seu curso natural (sua fluência fica mais libertada).

zavam e memorizavam uma pequena sequência para apresentar aos seus pares. Da mesma maneira eles eram incitados a comentar as sequências a partir de alguns dos elementos trabalhados na atividade. Dessa forma, as atividades eram pautadas em três eixos: o vivido, o percebido e o imaginado.

As experiências corporais e o processo de criação vivido pelas próprias crianças é sem dúvida uma forma de sentir, de dizer e de significar quem são. Obviamente, os sentimentos e emoções das crianças estarão sempre presentes na fruição, na experiência e em suas composições se assim for permitida e incentivada. (MARQUES, 2003, p.68)

O corpo, neste processo de aprendizagem, é visto como lugar de invenção, um lugar no qual a criança pode encontrar sentido para o seu movimento e criar sua própria dança. A didática aplicada valoriza a exploração de vivências motoras pessoais, sem seguir um padrão pré-estabelecido ou codificado. Reconhece-se o que é único e especial em cada uma delas, propiciando uma aprendizagem significativa, que valoriza a experiência vivida, a reflexão, a criação, a imaginação e o sonho.

Bibliografia

BONDIA, LARROSA JORGE. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista brasileira de Educação**, nº 19. fev., 2002.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**. Campinas, v.22, n.2(65) p. 75-92. mai/ago, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2008

LABAN, Von Rudolf. Domínio do movimento. Org. Lisa Ullmann. Summus Editorial. 5ª edição. São Paulo, 1978

LEE, Suzy. **Sombra**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. **Espelho**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LENGOS, Georgia. **Põe o dedo aqui: Reflexões sobre dança contemporânea para crianças**. Organização Geórgia Lengos. Prêmio Funarte Klauss Viana Pesquisa prático – teórica Balangandança. São Paulo: Editora Terceira Margem, 2006.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

_____. **Interações: criança, dança e escola**. Coleção InterAções. Coordenação: Josca Ailine Baroukh. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty na Sorbonne – resumo de cursos: filosofia e linguagem**. Campinas: Papyrus, 1990.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda: uma experiência em educação**. São Paulo: Editora Livre Conteúdo e Cultura, 2013.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. São Paulo: Editora Anna Blume, 2003.